

## O APOCALIPSE CÓPTICO DE PAULO E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA<sup>1</sup>

Julio César Chaves<sup>\*</sup>

### **Resumo**

*O Apocalipse cóptico de Paulo faz parte do conjunto de textos encontrados em 1945 nas proximidades da cidade egípcia de Nag Hammadi. O texto tem sido normalmente considerado pelos especialistas como um texto gnóstico valentiniano. Além do próprio título de apocalipse, o texto apresenta uma série de características e temas próprios da literatura apocalíptica judaica. Este artigo apresenta e discute tais características, bem como as razões pelas quais o autor do Apocalipse cóptico de Paulo as utiliza.*

**Palavras-chave:** Apocalipse Cóptico de Paulo, Apocalíptica Judaica, Gnosticismo, Viagem Celestial.

### **Abstract**

*The Coptic Apocalypse of Paul is part of a corpus of texts found in 1945 at the neighborhoods of the Egyptian city called Nag Hammadi. This text is considering as being a Gnostic tractate. Besides the title of apocalypse present in the manuscript, this text has some other Jewish apocalyptic elements. This article discusses these elements and the reasons for their use by the author of the Apocalypse of Paul.*

**Keywords:** Coptic Apocalypse of Paul, Jewish Apocalyptic, Gnosticism, Heavenly Journey.

Os textos encontrados em 1945 na região do Egito conhecida como Nag Hammadi têm se tornado cada vez mais famosos. Tal fato se deve em grande parte à utilização dos textos em obras de grande circulação, como por exemplo, o *best-seller* de Dan Brown, *O Código da Vinci*, ou ainda *Stigmata*, o filme de Hollywood. Essas produções de massa trouxeram ao grande público ao menos o conhecimento de alguns textos de Nag Hammadi. O primeiro faz referência ao *Evangelho de Felipe*<sup>2</sup> e o segundo ao *Evangelho de Tomé*<sup>3</sup>. Tanto no livro de Dan Brown quanto no filme, os comentários, referências e traduções são no mínimo duvidosos, mesmo considerando-se que ambas as obras possuem um caráter fictício.

---

<sup>1</sup> Uma versão modificada deste artigo foi apresentada no IV Congresso da SBEC.

<sup>\*</sup> Mestrando em Ciências das Religiões pela Université Laval, Canadá.

<sup>2</sup> NH II, 3 (abreviatura para a edição dos textos de Nag Hammadi, cf. "Bibliografia").

<sup>3</sup> NH II, 2.

Mas mesmo com o sucesso dessas obras, a grande maioria dos textos de Nag Hammadi continua desconhecida do grande público, bem como sua natureza, origem e demais características. Alguns textos, como o *Apocalipse Cóptico de Paulo*<sup>4</sup>, não têm sido alvos de grandes discussões e não chamam muita atenção nem mesmo dos especialistas. A apocalíptica de Nag Hammadi não constitui a principal discussão sobre aqueles textos, apesar de muitos especialistas já terem considerado o assunto de fundamental importância para a origem e entendimento do acervo de Nag Hammadi.

Por outro lado, muito se discutiu a influência do judaísmo sobre os textos de Nag Hammadi e sobre o gnosticismo em geral. Neste sentido, a apocalíptica tem desempenhado um importante papel. Estudiosos como Pearson<sup>5</sup> e MacRae<sup>6</sup> consideram a apocalíptica judaica uma importante fonte para o gnosticismo. Mesmo sem se ater a tal discussão, é possível perceber essa larga influência nos textos de Nag Hammadi, sendo dela um bom exemplo o já citado ApPaulo.

O ApPaulo<sup>7</sup> encontrado em Nag Hammadi, como os outros textos desta coleção, é hoje considerado pela maioria dos especialistas como um texto gnóstico<sup>8</sup>, mais precisamente valentiniano, sendo esta última categoria entendida como um tipo específico de gnosticismo. Contudo, não é objetivo deste trabalho delimitar detalhadamente as características do valentianismo ou do gnosticismo em geral, nem discutir o outrora tão polêmico tema das origens do gnosticismo<sup>9</sup>.

Uma breve introdução ao ApPaulo torna-se necessária para a discussão de sua relação com a apocalíptica judaica propriamente dita. O texto começa com o encontro de Paulo com um menino enquanto estava se dirigindo a Jerusalém. O menino interroga a Paulo e o leva a uma viagem pelos céus. Paulo chega até o décimo céu. O texto apenas cita sua passagem pelos três primeiros céus e depois começa a descrever a passagem e as visões do apóstolo nos céus posteriores. Paulo presencia, em sua ascensão, o julgamento das almas no quarto

---

<sup>4</sup> Daqui para frente apenas ApPaulo. Cf. NH V, 2.

<sup>5</sup> Pearson, por exemplo, em seu artigo "From Jewish Apocalypticism to Gnosis". In: GIVERSEN, Soren, PETERSEN, Tage, SORENSEN, Jorgen P. (eds.). *The Nag Hammadi Texts in the History of Religions*. Copenhagen, 2002.

<sup>6</sup> MacRae, por exemplo, na introdução ao ApPaulo em ROBINSON, James. *The Nag Hammadi Library in English*. Leiden / New York: Brill, 1996.

<sup>7</sup> Não se deve confundir o ApPaulo de Nag Hammadi com o texto em latim chamado *Visio Sancti Pauli*, normalmente traduzido para o inglês como *Apocalypse of Paul*. Utilizo a tradução de KALER, Michael. *The Apocalypse of Paul (NHC V.2): an English Translation with Introduction and Commentary*. Monografia para obtenção do grau de Mestre. Université Laval, 2002.

<sup>8</sup> Daniélou não considera o ApPaulo um texto gnóstico. Cf. DANIELLOU, Jean. *Bulletin d'Histoire des Origines Chrétiennes*. ReCSR, 54, 1966. p. 288.

<sup>9</sup> Para uma boa introdução e discussão de ambos os temas cf. KING, Karen. *What is Gnosticism*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

céu e anjos levando almas para serem julgadas no quinto céu. O sexto céu é iluminado por uma intensa luz que vem do alto e, no sétimo céu, Paulo se encontra com a figura de um homem velho sentado num trono resplandecente e que tenta barrar sua ascensão aos demais níveis celestes. Paulo continua sua ascensão, no entanto, passando pelo oitavo e nono céus até chegar ao décimo, onde se transforma em espírito e, por fim, cumprimenta seus companheiros espíritos. Durante sua ascensão, Paulo cumprimenta algumas vezes os seus companheiros apóstolos, que parecem acompanhá-lo na jornada.

Há um certo consenso de que o ApPaulo é uma referência a 2Co 12,2-4 e a Gl 1,13-17. Na primeira passagem, Paulo comenta uma suposta experiência de ascensão aos céus<sup>10</sup> e, na segunda, relata que não foi a Jerusalém encontrar os apóstolos. É este o contexto do início do ApPaulo; ele está se dirigindo à Jerusalém, mas é interrompido no caminho pela criança e daí todo o processo de ascensão.

É difícil datar o texto com precisão. A cópia encontrada em Nag Hammadi provavelmente data do século IV. É quase certo que seja uma tradução em copta de um original grego composto em algum momento do séc. II, também difícil de ser precisado. O estado de conservação do texto é relativamente bom, existem, porém, algumas lacunas. O texto encontra-se no *Codex V* da biblioteca de Nag Hammadi, conhecido como o “Codex dos Apocalipses”, haja vista existirem ainda mais três apocalipses neste mesmo volume<sup>11</sup>. O gênero literário do ApPaulo pode ser definido como apocalíptico, mesmo não existindo consenso sobre as peculiaridades dos textos definidos como apocalipses em Nag Hammadi.

O título “Apocalipse” é um bom ponto de partida para a discussão aqui proposta. Não há nos textos judaicos definidos hoje como apocalipses nada que indique esse título. Mas no manuscrito do ApPaulo encontrado em Nag Hammadi há, efetivamente, a palavra “apocalipse” como título do texto<sup>12</sup>.

Fallon, em “The Gnostic Apocalypses”<sup>13</sup>, comenta a opinião de Vielhauer, para quem o termo “apocalipse”, quando empregado como título em alguns textos de Nag Hammadi, não deve ser designado ou entendido em termos de gênero literário, e sim como uma referência mais general a uma revelação redentora e gnóstica. A diferença básica, para Vielhauer,

---

<sup>10</sup> A narrativa é feita em terceira pessoa, mas a tradição cristã sempre interpretou que Paulo era o personagem que supostamente ascendia aos céus e ao paraíso.

<sup>11</sup> São eles: *1Apocalipse de Tiago* (NH V, 3); *2Apocalipse de Tiago* (NH V, 4) e o *Apocalipse de Adão* (NH V, 5).

<sup>12</sup> Como a versão encontrada em Nag Hammadi é provavelmente derivada de uma tradução bem posterior à composição do original, não se pode saber quando o título foi dado ao texto. O título de “apocalipse” também é encontrado nos demais apocalipses do *Codex V*, bem como no *Apocalipse de Pedro* (NH VII, 3).

<sup>13</sup> FALLON, Francis T. “The Gnostic Apocalypses” In: *Semeia*, n. 14. Missoula: Scholars Press, 1979. p.123.

seria que a apocalíptica judaica formaria material escatológico e a “apocalíptica” de Nag Hammadi material cosmológico e soteriológico. Mas para Fallon existem fatores suficientes para enquadrar alguns textos de Nag Hammadi no gênero literário apocalíptico, inclusive o ApPaulo<sup>14</sup>. Fazendo-se uma análise fenomenológica<sup>15</sup>, podem-se achar características comuns entre o ApPaulo e o gênero literário apocalíptico. Este é o objetivo deste artigo, principalmente no que concerne à apocalíptica judaica.

Uma definição de literatura apocalíptica torna-se necessária para uma boa análise do tema proposto, embora essa definição não tenha encontrado conformidade entre os estudiosos modernos. No entanto, a definição de Collins tem sido a mais utilizada e parece ser a que melhor abarca os elementos normalmente discutidos:

*Apocalypse é um gênero de literatura revelatória com uma estrutura narrativa, na qual a revelação é mediada por um ser do outro mundo a um receptor humano, revelando uma realidade transcendente que é simultaneamente temporal, na medida em que busca salvação escatológica, e também espacial, na medida em que envolve outro mundo*<sup>16</sup>.

Ainda na tentativa de precisar e definir as características da literatura apocalíptica, Collins propõe divisão entre dois tipos distintos de apocalipses: com viagem ao Além e sem viagem ao Além. O ApPaulo encaixa-se muito bem nesta divisão, sendo um apocalipse com viagem ao além, isto é, uma ascensão do próprio visionário aos céus.

A ascensão da alma é um tema recorrente nos textos gnósticos: no contexto dos textos gnósticos ela pode ser entendida como um paradigma de salvação. A alma, após a morte do corpo, ascenderia aos céus e se conseguisse chegar ao paraíso, ao reino do verdadeiro Deus, estaria salva<sup>17</sup>.

Mas o contexto da ascensão gnóstica pode ser mais complexo do que parece. O gnosticismo tem sido compreendido pelos especialistas como uma religião dualista. A terra e o mundo material representariam o domínio do deus mau, o “criador” ou “demiurgo”. O reino do verdadeiro e bom deus estaria acima e além do reino material do demiurgo. Haveria, no entanto, camadas aéreas entre os dois reinos. Cada uma destas camadas abrigaria um “arconte”, também identificados com os anjos que tentariam impedir a passagem da alma que ascende. Na última camada estaria o próprio demiurgo e, acima deste, o paraíso,

---

<sup>14</sup> Idem, p.123.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> COLLINS, John J. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Grand Rapids: Eerdmans, 1984, p. 4.

também chamado de pleroma, morada do Deus bom e verdadeiro. Este é o conjunto básico de crenças que o ApPaulo quer demonstrar. Os vários céus pelos quais Paulo passa são as camadas aéreas dominadas pelos arcontes e no sétimo céu há uma figura que muito bem pode ser identificada com o demiurgo. Todavia, o ApPaulo é baseado nos apocalipses de viagem ao Além, ou seja, de ascensão, mais do que qualquer outro apocalipse gnóstico conhecido<sup>18</sup>.

Citando Rosenstiehl<sup>19</sup>, Kaler afirma que o ApPaulo compartilha algumas características comuns com os apocalipses judaico-cristãos de viagem ao Além. São elas:

1. Pseudonímia;
2. Um fundamento bíblico como pretexto;
3. Incerteza por parte do visionário em relação à experiência – i.e., se ela teria ocorrido corporeamente ou fora do corpo;
4. A presença de um emissário ou mediador divino;
5. A viagem a vários céus e o retorno do visionário a terra após ter-lhe sido designada uma missão especial.

Kaler argumenta ainda que as fórmulas de linguagem utilizadas pelo ApPaulo não são as mesmas normalmente utilizadas pelos apocalipses judaicos<sup>20</sup>. Portanto, “parece que o ApPaulo é mais influenciado pelo conteúdo do que pelo vocabulário específico da tradição apocalíptica”.<sup>21</sup>

A pseudonímia é o primeiro ponto levantado por Kaler. E de fato a pseudonímia pode ser considerada uma das características fundamentais da literatura apocalíptica. Dos textos hoje classificados e entendidos como apocalipses, somente o *Apocalipse de João* não é pseudônimo<sup>22</sup>. Pode-se ainda dizer que o fenômeno da pseudonímia na Antiguidade não se restringiu ao âmbito da literatura apocalíptica ou mesmo das literaturas ligadas a qualquer tipo de contexto religioso. Mas como explicar a pseudonímia no contexto da literatura

---

<sup>17</sup> Layton, por exemplo, tenta definir de forma geral o mito gnóstico e designa a ascensão da alma como a quarta e última etapa do mesmo. Cf. LAYTON, Bentley. *The Gnostic Scriptures: a New Translation with Annotations and Introductions*. Garden City: Doubleday, 1987.

<sup>18</sup> KALER, op.cit. p.17.

<sup>19</sup> Idem. pp.15-16.

<sup>20</sup> Kaler compara os verbos e expressões normalmente utilizadas na tradição apocalíptica para designar, por exemplo, uma ascensão com suas respectivas formas em cóptico e percebe que o ApPaulo parece de fato utilizar um vocabulário diferente.

<sup>21</sup> KALER, op.cit. p.16.

<sup>22</sup> Há um certo consenso de que o *Apocalipse de João* não é pseudônimo. Cf. GRUENWALD, Ithamar. *From Apocalypticism to Gnosticism*. Frankfurt: Peter Lang, 1988. p. 23.

apocalíptica, ou mesmo no contexto religioso da Antigüidade? Segue um trecho de um artigo de Vicente Dobroruka:

*O que nos interessa aqui é um tipo específico de pseudepigrafia [...] a explicação mais fácil para o fenômeno é o da 'fraude pia', o autor verdadeiro ansioso por veicular mensagem ortodoxa e válida, tornando-a mais respeitável por meio da atribuição autoral a alguma figura do passado<sup>23</sup>.*

Ou ainda, este outro trecho de Ithamar Gruenwald:

*Pseudepigrafia foi muitas vezes entendida como uma mentira literária, algo forjado, que proporcionava aos escritores apocalípticos a maneira de adquirir para seus textos autoridade, utilizando uma identidade emprestada. No entanto, nós agora sabemos que pseudonímia e pseudoepigrafia eram práticas literárias comuns – mesmo em moda – na Antigüidade e que, na maioria dos casos, esta prática não revelava nenhuma intenção maliciosa. O que parece ser quase certo no caso da apocalíptica é que pseudepigrafia não era usada somente para conceder determinada identidade aos autores<sup>24</sup>.*

E, de fato, os apocalipses judaicos sempre têm sua autoria atribuída a uma importante figura do passado do judaísmo como, por exemplo, Enoch ou Moisés. Estas importantes figuras do judaísmo a quem os apocalipses são atribuídos são também os visionários, receptores da revelação<sup>25</sup>. É o caso do ApPaulo. Apesar da narrativa variar entre a primeira e a terceira pessoas<sup>26</sup>, pode-se considerar que o texto é atribuído à figura de Paulo, que é ainda o visionário que faz a viagem aos céus.

O segundo ponto apontado por Kaler diz respeito a um fundamento bíblico como pretexto para o "apocalipse". Um bom exemplo disso na apocalíptica judaica pode ser encontrado na grande tradição de livros atribuídos ao patriarca Enoch. Há um considerável conjunto de livros com características apocalípticas, ou mesmo apocalipses completos, ligados a Enoch. Este conjunto de textos tem três componentes principais, respectivamente, o *Livro Etiópico de Enoch* (1En), o *Apocalipse Eslavônico de Enoch* (2En) e o *Apocalipse Hebraico de Enoch* (3En). Este grande conjunto de textos atribuído à figura de Enoch não pode ser considerado e analisado de uma maneira monolítica. São textos compostos em épocas, contextos e línguas diferentes, mas possuem algo em comum além da apocalíptica. Todos parecem utilizar como pretexto o relato do Gênesis (Gn 5,18-22) sobre Enoch.

---

<sup>23</sup> DOBRORUKA, Vicente. "Preparação para Visões na Literatura Apocalíptica: Algumas Considerações". In: *Estudos de Religião*. Ano XVII, Vol. 24. São Bernardo do Campo: UESP, 2003. p. 4 .

<sup>24</sup> GRUENWALD, op.cit. p. 24.

<sup>25</sup> COLLINS, op.cit. p. 5.

<sup>26</sup> MacRae considera que tal variação deve ser atribuída à falta de cuidado do autor. Cf. ROBINSON, op.cit. p. 256.

O relato é curto, mas suficiente para diferenciar Enoch dos demais patriarcas. Ele vive menos tempo que os outros, mas seu tempo de vida atinge o número perfeito de dias do calendário solar<sup>27</sup> e ao final de sua vida é arrebatado por Deus<sup>28</sup>. O fato de o texto bíblico relatar que Enoch foi arrebatado por Deus pode de certa forma ser considerado como um pretexto para a crença na sua ascensão – e essa crença pode ter gerado a já citada tradição de apocalipses enóquicos.

Da mesma forma o ApPaulo parece se apropriar de relatos bíblicos como pretexto. Os relatos são os já citados trechos de 2Co 12,2-4 e Gl 1,13-17. Irineu de Lyon adere a uma grande polêmica em torno da ascensão de Paulo relatada em 2Co 12,2-4<sup>29</sup>. Em sua introdução ao ApPaulo<sup>30</sup>, MacRae afirma que, segundo Irineu, já no séc. II havia uma tradição gnóstica, especialmente valentiniana, de interpretar a ascensão de Paulo em 2Co. Porém, o texto de Irineu não afirma isso claramente. MacRae extrapola o significado da polêmica, visto que mesmo discutindo a ascensão de Paulo, Irineu não parecia ter conhecimento da existência de um texto gnóstico que tratasse especificamente a esse respeito.<sup>31</sup>

No mesmo trecho de 2Co, Paulo demonstra sua incerteza sobre a natureza física ou somente espiritual da experiência da ascensão. Neste ponto, o ApPaulo aproxima-se bastante do judaísmo. Como fora dito, a ascensão da alma constituía uma parte fundamental do mito gnóstico: representava o seu retorno ao reino celeste, ou seja, possuía caráter salvífico. Mas a ascensão como salvação no gnosticismo acontece sempre após a morte física. Neste sentido, o ApPaulo se aproxima mais da tradição judaico-cristã. Gruenwald faz um interessante paralelo entre a ascensão gnóstica e o misticismo judaico da *merkavah*. Neste último, havia uma grande tradição de experiências visionárias ascensionais que ocorreriam durante a vida do visionário<sup>32</sup>.

A existência de um emissário divino que age como mediador é considerada presença obrigatória nos apocalipses. Normalmente, na apocalíptica judaica esse mediador é um anjo<sup>33</sup>. O ApPaulo também conta com a presença de um mediador, mas aqui não se trata de

---

<sup>27</sup> A questão do calendário solar é bastante abordada na literatura apocalíptica enóquica.

<sup>28</sup> O texto utilizado é o da *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2000.

<sup>29</sup> *Adversus Haereses*. 2.30.7.

<sup>30</sup> ROBINSON, op.cit. p. 257.

<sup>31</sup> Sobre esta polêmica: KALER, Michael, PAINCHAUD, Louis, BUSSIERES, Marie-Pierre. "The Coptic Apocypse of Paul, Irenaeus' Adversus Haereses 2.30.7, and the Second-Century Battle for Paul's Legacy". In: *Journal of Early Christian Studies*. Vol. 12, n. 2, 2004, pp.173-193.

<sup>32</sup> GRUENWALD, op.cit. p.193.

<sup>33</sup> Os exemplos são inúmeros e não só nos apocalipses de viagem ao Além. A literatura apocalíptica judaica, e mesmo cristã, é repleta de anjos funcionando como mediadores e participando dos acontecimentos. O chamado "Livro dos Vigilantes" no *Livro Etiópico de Enoch* constitui um bom exemplo. Mas como já foi dito, a presença de

um anjo. O mediador no ApPaulo aparece logo no início do texto<sup>34</sup> na figura de um menino que leva Paulo em sua jornada pelos céus. Posteriormente este menino é identificado com o Espírito Santo<sup>35</sup>.

A última característica apontada por Kaler diz respeito à viagem do visionário a vários céus, o que de fato ocorre no ApPaulo. No entanto, os céus são compreendidos como domínios do mal, as esferas dos arcontes, uma referência ao mito gnóstico supracitado. De qualquer modo, os relatos das visões no ApPaulo falam de julgamento e punição de almas, um assunto recorrente nos apocalipses judaicos.<sup>36</sup>

A forma como as visões são descritas em certa maneira também se aproxima daquela da apocalíptica judaica. A utilização de metáforas e comparações, bem como de cenários fantásticos e simbólicos é bem característica da apocalíptica e a figura que Paulo encontra no sétimo céu se assemelha bastante à descrição de Deus feita noutros apocalipses<sup>37</sup>. Segue a descrição:

*[Então nós subimos] ao sétimo céu e eu vi um homem velho [...] luminoso cujo traje era branco. Seu trono, que esta no sétimo céu, era sete vezes mais brilhante que o sol<sup>38</sup>.*

Após descrever o homem velho, Paulo conta que este tenta impedir que ele continue a ascender. No entanto, ele continua sua ascensão sob a direção do Espírito que o ordena a mostrar ao homem um sinal. Mostrado o sinal, “ele (o homem velho) virou sua cabeça para baixo em direção à sua criação e àqueles que são suas próprias autoridades”<sup>39</sup>. E então Paulo continua sua viagem.

Para MacRae a descrição do homem velho no ApPaulo demonstra uma forte motivação anti-judaica<sup>40</sup>. O homem velho é uma clara referência ao demiurgo criador e mau, o arconte-mor que tenta barrar a ascensão das almas que estão tentando se salvar. É ao mesmo tempo descrito de forma semelhante ao Deus judaico, demonstrando a semelhança com os relatos apocalípticos judaicos.

---

um mediador é fundamental para a revelação apocalíptica judaica, portanto, pode-se considerar que todos os apocalipses judaicos conhecidos contêm, de certa forma, um ser celeste como mediador.

<sup>34</sup> 18, 3-10. O texto conta com lacunas logo no início e só se torna compreensível a partir da linha três, quando Paulo se dirige à criança na estrada para perguntar que caminho deve pegar para Jerusalém.

<sup>35</sup> 18, 21.

<sup>36</sup> Ver 4Ed 7, 42-45; 8,1-3 e 7, 35.

<sup>37</sup> Por exemplo, Dn 7,13 e 1En 46-47.

<sup>38</sup> ApPaulo 22, 24-30.

<sup>39</sup> ApPaulo 23, 25-28.

O ApPaulo tem de fato muitas características em comum com a apocalíptica judaica. Estas características podem ser entendidas de duas maneiras. O método utilizado pelo autor do texto é um artifício retórico, uma maneira de fazer alusão a uma tradição apocalíptica conhecida no mundo antigo, principalmente entre judeus e cristãos e, talvez, gnósticos. Uma segunda hipótese seria a de que o ApPaulo representa uma prova clara da influência da apocalíptica judaica sobre os textos de Nag Hammadi, não sendo, no entanto, utilizada como artifício retórico, mas como prática literária.

De qualquer modo, as semelhanças entre a apocalíptica judaica, sobretudo no tocante aos apocalipses de viagem ao Além, e o ApPaulo são evidentes, demonstrando que, de certa forma, alguns textos de Nag Hammadi podem ser inseridos num contexto literário mais amplo que o gnóstico – um contexto apocalíptico.

### **Bibliografia**

COLLINS, John J. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Grand Rapids: Eerdmans, 1984.

DANIÉLOU, Jean. *Bulletin d'Histoire des Origines Chrétiennes*. ReCSR, 54, 1966.

DOBRORUKA, Vicente. “Preparação para Visões na Literatura Apocalíptica: Algumas Considerações”. In: *Estudos de Religião*. Ano XVII, Vol. 24. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

FALLON, Francis T. “The Gnostic Apocalypses” In: *Semeia*, n. 14. Missoula: Scholars Press, 1979.

GIVERSEN, Soren, PETERSEN, Tage, SORENSEN, Jorgen P. (eds.). *The Nag Hammadi Texts in the History of Religions*. Copenhagen, 2002.

GRUENWALD, Ithamar. *From Apocalypticism to Gnosticism*. Frankfurt: Peter Lang, 1988.

KALER, Michael, PAINCHAUD, Louis, BUSSIERES, Marie-Pierre. “The Coptic Apocayipse of Paul, Irenaeus’ Adversus Haereses 2.30.7, and the Second-Century Battle for Paul’s Legacy”. In: *Journal of Early Christian Studies*. Vol. 12, n. 2, 2004, pp.173-193.

KALER, Michael. *The Apocalypse of Paul (NHC V.2): an English Translation with Introduction and Commentary*. Monografia para obtenção do grau de Mestre. Université Laval, 2002.

KING, Karen. *What is Gnosticism*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

---

<sup>40</sup> ROBINSON, op.cit. p. 257.

LAYTON, Bentley. *The Gnostic Scriptures: a New Translation with Annotations and Introductions*. Garden City: Doubleday, 1987.

ROBINSON, James. *The Nag Hammadi Library in English*. Leiden / New York: Brill, 1996.